

Juntando nossos pedacinhos

uma abordagem do gênero textual
crônica no Estágio Supervisionado II

João Artur Rodrigues Fernandes

4

Quando li *O livro dos abraços*, de Eduardo Galeano, pela primeira vez, deparei-me com a seguinte passagem que me marcou profundamente: “para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos?” (Galeano, 2002, p. 64). A essa observação do escritor uruguaio pode se somar os questionamentos do grupo musical Titãs, que, em sua canção *Comida*, indaga “Você tem fome de quê?” e “você tem fome de quê?”. Tais questões, como será visto, mostrar-se-ão bastante pertinentes ao que será aqui relatado, haja vista que vão de encontro à proposta de produção textual solicitada aos alunos compreendidos pelo projeto de intervenção desenvolvido. Antes de ir à execução do projeto de estágio, no entanto, fazem-se necessárias algumas considerações no que diz respeito aos tempos e aos espaços em que a intervenção ocorreu.

O meu segundo estágio supervisionado de formação de professores se deu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Parnamirim, localizado na região metropolitana de Natal. Sob a supervisão da professora de Língua Portuguesa e Literatura do campus, acompanhei as aulas de Português ministradas a duas turmas de 2º ano do ensino médio técnico integrado, uma do curso de informática e outra do curso de mecatrônica (os dois cursos que são ofertados pelo campus Parnamirim na modalidade integrada ao ensino médio). Os estudantes das turmas acompanhadas tinham, em média, 16 anos, havendo, em ambas as turmas, um quantitativo discente majoritariamente masculino. A implementação do projeto de intervenção, todavia, ocorreu apenas com a segunda turma, que, em decorrência de algumas questões, pude acompanhar com maior assiduidade.

No primeiro contato com as turmas, no dia 12 de setembro, a professora supervisora estava dando início aos estudos do gênero textual crônica. Nesse dia, os alunos leram as crônicas que haviam produzido na aula anterior, partindo, para tanto, de três fatos selecionados pela docente, dentre os quais eles poderiam escolher um como tema motivador para a escrita de sua crônica. A aula foi, ao meu ver, muito rica e proveitosa. Os alunos não demonstraram inibição com a minha presença naquele espaço e, por isso, realizaram, em voz alta, a leitura de seus textos. Além disso, a partir dessa roda de leitura em sala, pude perceber que os estudantes tinham uma percepção crítica bem acentuada acerca dos fatos sobre os quais escreveram, o que lhes permitiu produzir crônicas muito bem elaboradas, evidenciando, assim, pontos de vista bastante pertinentes.

A título de exemplificação, uma das três possibilidades de temas apresentadas pela professora aos discentes foi a “pichação” do Forte dos Reis Magos, construção histórica do estado e um dos cartões-postais da cidade de Natal. O Forte, que amanheceu “pichado” na manhã do dia 7 de setembro, apresentava, em um de seus muros, os dizeres “Não ao PL/2903” e “Aqui é terra indígena”, que objetivavam protestar contra o Projeto de Lei Federal 2903/2023, o qual se encontrava em tramitação na época e que travava sobre o estabelecimento do marco temporal de terras indígenas. Indo na contramão de muitas pessoas, que, em fóruns de internet e, até mesmo, em alguns meios jornalísticos, apontavam

o manifesto apenas como um ato de vandalismo, os discentes entenderam e, por isso, conseguiram pontuar que a inscrição daquelas palavras no Forte era nada menos que necessária. Um aluno, ainda, destacou, em sua crônica, a preocupação desproporcional que é direcionada ao Forte, um patrimônio material, em detrimento das várias vidas indígenas que são oprimidas desde a invasão dessas terras e que, com a aprovação do Projeto de Lei, passariam a sofrer ainda mais. E, o pior de tudo, com o aval do Estado.

Nas aulas subsequentes a essa, a professora de Língua Portuguesa e Literatura deu continuidade aos estudos da crônica, trabalhando a sua versatilidade e aprofundando as noções acerca do gênero. Para isso, a docente compartilhou com os alunos uma coletânea de crônicas do escritor Lima Barreto, que, a partir de várias perspectivas, escreveu sobre a sociedade brasileira de sua época. Além disso, mais à frente, os alunos tiveram contato com uma antologia de crônicas, produzida pela professora, que versava sobre a diversidade, reunindo textos, cujos autores vão desde o escritor e líder indígena Daniel Munduruku até a multiartista potiguar Alice Carvalho. Observando a dinâmica da professora e o seu trato no que tange ao gênero, logo tive como intuito planificar um projeto de intervenção que mobilizasse questões relativas à crônica.

Sabendo, pois, que a crônica, de acordo com Antonio Candido (1992), está mais perto de nós, se comparada aos “gêneros maiores”, haja vista que se ajusta à sensibilidade de todo dia, sobretudo por se aproximar de nossa linguagem natural, é possível estabelecer uma maior interação entre o gênero textual em foco e o alunado. Ainda, para o autor, é justamente por estar perto do dia a dia que a crônica age como uma quebra do monumental e da ênfase. Em comunhão com o pensamento de Candido (1992), Davi Arrigucci Jr. (1987) evidencia a natureza despretensiosa da crônica, que, como tal, aproxima o gênero da conversa e da vida cotidiana. À vista disso, segundo o autor, a crônica tem, cada vez mais, sido uma companheira do leitor brasileiro. Foi possível, dessa forma, a partir da versatilidade do gênero textual crônica e de suas várias possibilidades de mobilização, selecionar um recorte temático que dialogasse com a subjetividade dos discentes, o que lhes permitiu escrever sobre suas memórias e seus afetos. Isso também possibilita dizer que o estudo da crônica proporcionou um entrelaçamento entre os aspectos vistos em sala e a vida dos alunos, uma vez que a pluralidade cultural do mundo em que vivemos se manifesta em todos os espaços sociais, desde a casa dos estudantes até as escolas (Moreira; Candau, 2007, p. 20).

Tratando sobre a questão cultural, a escolha do recorte temático do projeto, por sua vez, envolveu a culinária. Tal seleção dá-se em razão de a identidade de um determinado povo estar ligada, principalmente, à sua língua e à sua cultura alimentar (Sonati; Vilarta; Silva, 2009, p. 137). No nosso caso, enquanto brasileiros, não é diferente, posto que nós estabelecemos uma forte relação de afetividade com a nossa alimentação, que, venhamos e convenhamos, é por demais diversa. O destaque ao tema, ainda, decorre do fato de a alimentação humana ser um ato social e cultural que implica representações e imaginários, envolve escolhas, classificações e símbolos, que organizam as diversas visões de mundo

no tempo e no espaço (Maciel, 2004, p. 25). O trabalho envolvendo a crônica e a culinária, por essa razão, pareceu um entrelaçamento muito pertinente aos estudos do gênero textual focalizado. Esse entrelaçamento, além do mais, traz consigo um outro entre literatura, afetividade e memória. Assim, foi seguido o pensamento de Arrigucci Jr. (1987), que destaca dois pontos muito importantes da crônica, “lembrar” e “escrever”, considerando, dessa forma, esse gênero como um relato que mantém relação permanente com o tempo, sua fonte de matéria principal, que se concretiza como memória escrita.

Nesse sentido, meu objetivo foi apresentar essas questões para os alunos, discutindo e lendo crônicas, a exemplo da crônica “Culinária”, do Rubem Alves, em que tais ideias pudessem ser notadas, para, em seguida, solicitar deles uma produção textual que trouxesse os entrelaçamentos propostos. No que tange à atividade, em específico, foi possível que os alunos materializassem as suas memórias afetivas relacionadas a algum prato culinário e, para além disso, compartilhassem também a receita desse prato, a fim de, quem sabe, proporcionar memórias afetivas àqueles que puderem ler a sua crônica e reproduzirem a sua respectiva receita.

A implementação do projeto de intervenção ocorreu no dia 31 de outubro, demandando 2 tempos de aula de 45 minutos cada, totalizando 90 minutos. No primeiro tempo, foi promovida uma exposição dialogada com os alunos, cujo intuito foi discutir as questões intrínsecas ao recorte temático. Nesse momento, os alunos leram as crônicas levadas e entregues por mim, observando como as questões ali discutidas se apresentavam nos textos. Após o momento de discussão, foi apresentada aos discentes a proposta de atividade a ser desenvolvida por eles, partindo do seguinte comando: “A partir do que foi apresentado e discutido na aula de hoje, bem como de seus conhecimentos já sedimentados acerca do gênero textual crônica, produza uma crônica cujo tema seja uma memória afetiva relacionada a um prato ou a uma comida, assim como os autores das crônicas apresentadas, Rubem Alves e Ítalo Borges, fizeram. Entregue, junto à crônica produzida, a receita culinária da respectiva comida que foi o ponto de partida para a sua escrita. Não se esqueça de dar um título para a sua crônica. Bom trabalho!”.

A turma assimilou bem a proposta de atividade e, no tempo estipulado, a maioria conseguiu efetuar a produção da crônica. Durante o processo de escritura, aqueles alunos que tiveram dúvidas solicitaram a minha ajuda, a fim de esclarecer determinados pontos. A supervisora, a todo momento, me auxiliou com a implementação do projeto, demonstrando solicitude do início ao fim, sobretudo em relação aos alunos que não conseguiram concluir a escrita da crônica no tempo da aula. A esses alunos, foi orientado que terminassem a crônica em casa e a enviassem por meio do *Google Sala de Aula*, canal muito utilizado para a comunicação entre os discentes e a professora. Após receber os textos faltantes, a supervisora os encaminhou para mim, o que me permitiu dar continuidade ao projeto e realizar a confecção de um *E-book*, reunindo tanto as crônicas produzidas pelos alunos quanto as receitas dos pratos que suscitaram as suas escritas.

Como os alunos se mostraram entusiasmados no que diz respeito à produção das crônicas, o livro digital confeccionado contou com 29 textos, que tratam sobre as mais diversas temáticas, todas partindo, no entanto, de um mesmo ponto principal – a relação afetiva com a comida, mais especificamente, as memórias afetivas dos alunos relacionadas a pratos culinários. Desde *canjica* a *vitamina pré-treino*, os estudantes superaram minhas expectativas. Em primeiro lugar, pela receptividade. Desde o momento em que entrei na sala, os alunos demonstraram interesse pelo que estava sendo discutido, o que se manteve ao longo de toda a aula, haja vista que eles interagiram de forma bastante orgânica, sem haver a necessidade de criar um espaço de interações involuntárias. Em segundo lugar, pela diversidade dos textos produzidos. Os alunos seguiram caminhos bem distintos em seus processos de escrita – alguns optaram pelo humor; outros foram por um lado mais intimista –, o que só acentua a gama de possibilidades que pode ser explorada no trabalho com o gênero, além de evidenciar como se configura as relações de cultura, enquanto conjunto de práticas significantes (Moreira; Candau, 2007, p. 27), já que muitos discentes trouxeram, em seus textos, pratos que são tradições de suas famílias.

Portanto, notando que cada aluno, ao ser solicitado para que escreva sobre si, apresentou repertórios diversos, é possível pensar o currículo como não sendo “[...] um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura” (Moreira; Candau, 2007, p. 28). O trabalho com o gênero crônica, nesse viés, permitiu essa (re)produção, sobretudo ao trazer a subjetividade de cada aluno, estabelecendo um contraste que só evidencia a enorme pluralidade cultural existente em uma única sala de aula.

Recuperando o questionamento de Eduardo Galeano, posso responder que a forma mais singela de escrita é aquela que, de fato, une nossos pedacinhos. A atividade proposta objetivou, além de outras coisas, essa junção. O exercício de rememorar momentos afetivos, por si só, já é excelente para unir pedaços do que somos, atrelando-os a comidas, então, fica ainda melhor. Quanto aos questionamentos dos Titãs, como visto, os alunos demonstraram ter sede e fome de coisas bem diferentes. Cada discente escreveu algo único, ainda que compartilhasse um mesmo prato culinário com outros colegas, como é o caso da lasanha, que foi um tema elencado por três alunos. Isso destaca que, embora o prato eleito seja o mesmo, as memórias afetivas atreladas a ele são diferentes a depender do aluno-autor que as escreve.

Para mim, realizar essa atividade e notar a sua recepção foi como um abraço. Ao ler as crônicas, pude perceber como os alunos são diferentes e como expressam, quando é-lhes possível, essas diferenças de forma tão magnífica. O mais gratificante de tudo foi que, apesar de a proposta de atividade solicitar um exercício subjetivo e intimista, os alunos se sentiram confortáveis para demonstrar suas camadas de sensibilidade, tratando de seus amores e de suas saudades, materializando, com muita poeticidade, as suas memórias.

Referências

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad. de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, jan.-jun. 2004, p. 25-39.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

SONATI, Jaqueline Girnos; VILARTA, Roberto; SILVA, Cleiliane de Cassia. Influências Culinárias e Diversidade Cultural da Identidade Brasileira: Imigração, Regionalização e suas Comidas. In: MENDES, Roberto Teixeira; VILARTA, Roberto; GUTIERREZ, Gustavo Luis (orgs.). **Qualidade de Vida e Cultura Alimentar**. 1. ed. 1, IPES Editora, v. 1, 2009. p. 137-147.